

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA - CAMPUS SÃO JOSÉ**

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA NATUREZA

COM HABILITAÇÃO EM QUÍMICA

Pamela de Almeida

Avaliação na Educação de Jovens e Adultos:
Em defesa da não homogeneização das diferenças.

SÃO JOSÉ/SC

2013

Pamela de Almeida

Avaliação na Educação de Jovens e Adultos:
Em defesa da não homogeneização das diferenças.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de licenciado em
Licenciatura em Ciências da Natureza:
Habilitação em Química pelo curso de
Licenciatura em Ciências da Natureza
com Habilitação em Química, do
Instituto Federal de Educação, Ciências
e Tecnologia de Santa Catarina, Campus
São José.

Orientadora: Prof^ª Dra. Maria dos Anjos
Lopes Viella

SÃO JOSÉ/SC

2013

Relatório final apresentado no dia 19 de dezembro às 19horas no Instituto Federal de Santa Catarina como parte das exigências para a obtenção do título de licenciada em Licenciatura em Ciências da Natureza com habilitação em Química.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Maria dos Anjos Viella (Orientadora)
Instituto Federal de Santa Catarina

Profº Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt (Avaliador 1)
Instituto Federal de Santa Catarina

Profº Me. Antonio Galdino da Costa (Avaliador 2)
Instituto Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho aos meus amados pais!

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por me iluminar e abençoar minha trajetória.

Ao meu pai João, e minha mãe Fátima, pelo apoio e por tudo que sempre fizeram por mim, pela simplicidade, exemplo, amizade, e carinho, fundamentais na construção do meu caráter.

Ao meu noivo, Rodrigo, pacientemente sempre me dando, força, coragem e incentivo.

Aos diretores Sr Hélio e Sra Salete pela oportunidade de estudar no colégio Dom Jaime; e a todos os professores que fizeram parte desta história, e em especial aos professores Alexandre e Silvio pelo incentivo no curso.

Aos meus colegas da licenciatura e professores, e em especial a minha orientadora Maria dos Anjos pelo apoio e conhecimento transmitido e a minha banca composta por professores tão queridos.

A todos que de alguma forma ajudaram, agradeço por acreditarem no meu potencial, nas minhas ideias, nos meus devaneios, principalmente quando nem eu mais acreditava.

MUITO OBRIGADA!

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

“(…) todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho tem como tema avaliação na educação de jovens e adultos (EJA), já que estes têm suas trajetórias escolares e diferenças ignoradas. Para caminhar nessa direção elegeu-se como objetivo refletir sobre o processo avaliativo na EJA tomando como ponto de partida as memórias dos alunos sobre a avaliação. A presente pesquisa foi realizada numa escola localizada na cidade de São José, com doze (12) alunos de nono ano do ensino fundamental e doze (12) do primeiro ano do ensino médio. Como alternativa metodológica foram solicitadas três tarefas aos alunos: trazer um objeto ou uma foto que fosse muito importante para eles, cujo objetivo era estabelecer uma maior aproximação entre aluno e pesquisadora; escrever suas memórias e por último representar, representar através de um desenho o que significa para eles a avaliação. A partir da análise dos dados foi possível perceber que a avaliação não é mais um “bicho-de-sete-cabeças” para eles mas ainda persiste uma grande preocupação com a nota atribuída, porque atrelada a ela encontra-se um processo de autoavaliação marcado por uma trajetória escolar e pessoal cheia de idas e vindas.

Palavras chave: Avaliação. Educação de jovens e Adultos (EJA). Representação de avaliação. Jovens e adultos.

LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição por temas de pesquisa

Quadro 1- Número de Dissertações e Teses

Quadro 2 - Idade dos alunos da EJA

Quadro 3 – Gênero dos alunos do nono e primeiro ano da EJA

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa na Educação

EJA – educação de Jovens e Adultos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	11
2 – ESTADO DA ARTE SOBRE EJA	13
3 - QUEM SÃO ESSES JOVENS E ADULTOS?.....	19
3.1 – APROXIMANDO-SE DO ALUNO DA EJA	21
3.2 - APROXIMANDO-SE DA FORMA COMO ESSE ALUNO APRENDE.....	26
3.2.1 – A ANDRAGOGIA	29
4 - A AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DA EJA	31
4.1- A AVALIAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS.....	34
5 - ALTERNATIVAS DE AVALIAÇÕES PARA A EJA	43
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
8- ANEXO 1	50

1- INTRODUÇÃO

Segundo a LDB a avaliação deve ser contínua e priorizar a qualidade e o processo de aprendizagem sendo que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os aspectos quantitativos. Contudo, nas escolas a avaliação sempre implica julgamento de melhor ou pior, isto é, a avaliação é sempre classificatória, como foi ao longo da história da educação: classificar e escalonar os estudantes. Apesar de muitas escolas terem um discurso inovador na avaliação, são raras as exceções que vão além de provas e médias bimestrais.

Pensando nesta contradição, optou-se pelo tema avaliação na educação de jovens e adultos, já que estes muitas vezes têm suas trajetórias escolares e suas diferenças ignoradas. São jovens e adultos, que habitam o mesmo espaço escolar, mas com faixas etárias diferentes e experiências vividas também diferentes.

É importante pensar nos sujeitos da EJA como aqueles que buscam uma nova oportunidade, que não se encontram mais na faixa etária correspondente ao ensino médio regular e que por algum motivo se afastaram dos estudos. Sendo assim, segundo Fernandes & Viana (2009, p.314) o educador precisa observar os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, relações pessoais, familiares, para que suas intervenções pedagógicas garantam como fator essencial, o respeito a heterogeneidade. E isso faz com que o aluno se sinta sujeito de sua aprendizagem, tenha mais interesse e com certeza reduza as chances dele evadir da escola.

A presente pesquisa tem como objetivo conhecer quem são os alunos da EJA e analisar a sua concepção de avaliação. Acredita-se que a partir dessas percepções seja possível melhor compreender o processo de avaliação, considerando as especificidades do público que frequenta a educação de jovens e adultos e a partir dessa compreensão sugerir alternativas que leve em consideração à diferença entre os sujeitos.

Para uma avaliação significativa é preciso que o professor conheça seus alunos, suas experiências, suas angústias e principalmente qual é o seu tempo de aprendizagem e seu objetivo ao retornar à escola.

Para caminhar nessa direção elegeu-se como **objetivo geral** refletir sobre o processo avaliativo na EJA tomando como ponto de partida as memórias dos alunos sobre a avaliação e como **objetivos específicos**, compreender como a avaliação se apresenta na

prática cotidiana da EJA e nos documentos legais; analisar como os alunos da EJA significam a avaliação; extrair, partindo-se da contribuição dos alunos da EJA, a forma como representam a avaliação e a partir desses dados, refletir sobre algumas propostas avaliativas para a EJA.

Como alternativa metodológica foi solicitada aos alunos a escrita de suas memórias (não é apenas a biografia, mas memórias da vida pessoal e escolar). Inicialmente foi feita uma dinâmica para maior proximidade com os alunos buscando estabelecer um relacionamento inicial para abrir caminhos para a escrita das suas memórias. Nessa dinâmica foi solicitado para cada um trazer para a aula uma fotografia ou um objeto que os representasse ou que lhes fosse muito significativo. Foi feito um grande grupo e nesse momento cada aluno verbalizou para a turma porque aquele objeto foi escolhido. Num segundo momento foi pedida a produção de uma autobiografia (ANEXO I) buscando captar aspectos significativos de sua história de vida tais como aspectos pessoais, profissionais e também escolares. Por último, foi solicitado aos alunos fazerem um desenho ou escreverem uma breve frase que representasse o sentimento deles em relação à avaliação.

Para analisar os dados utilizou-se a análise de conteúdo, segundo Franco (2003, p.13):

O ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado.

Para analisar os desenhos e histórias dos alunos é preciso lembrar que os diferentes modos de escrita correspondem às diferentes personalidades. Sendo assim foi preciso organizar este material e analisá-lo por mais de uma vez. Para ir além das primeiras impressões, fazer não apenas uma análise meramente superficial e sim conseguir perceber o que o aluno queria manifestar através daqueles desenhos.

Garutti (s/ano, p.59-60) descreve as três etapas básicas desta sistematização, que consiste na pré-análise (seleção e organização do material), descrição analítica (análise profunda dos documentos) e interpretação referencial (compreensão mais ampla das inferências e relações construídas entre as bases documentais)

A pesquisa ficou dividida em três partes: **Na parte 1** intitulada: *Estado da arte sobre EJA*, foi analisada a forma como se apresenta a avaliação na prática cotidiana da EJA e em alguns documentos legais.

A **parte 2** intitulada: *A avaliação na perspectiva dos alunos* apresenta a forma como os alunos da EJA significam a avaliação.

Por último, a **parte 3** intitulada: *Alternativas de avaliação para a EJA* apresentam algumas alternativas de avaliação partindo-se da contribuição dos alunos, isto é, da forma como representam a avaliação.

Sabe-se que a avaliação deve ser contínua e priorizar os aspectos qualitativos, contudo, pouco ou quase nada deste fenômeno é constatado na educação. Com os alunos da EJA esta realidade não é diferente, porém eles não mencionam a avaliação como um bicho de sete cabeças; apenas salientam que preferem ser avaliados com trabalhos ou provas de consulta ao caderno.

2 – ESTADO DA ARTE SOBRE EJA

Nesta parte será feito um diálogo e análise com os textos encontrados sobre o Estado da Arte em EJA buscando-se articulá-los com a forma que os alunos sujeitos

dessa pesquisa, são avaliados. Aponta-se ainda a escassez de publicações sobre a temática avaliação na Educação de Jovens e Adultos.

A Avaliação é um tema bastante polêmico. Rial (2007) analisou dissertações e teses defendidas entre 1987 a 2006 a partir de registros do Banco de Teses da CAPES concluindo que este tema tem pouco aparecido na produção acadêmica, por isso um dos motivos pela escolha desta temática.

Segundo a LDB a avaliação deve ser contínua e priorizar a qualidade e o processo de aprendizagem sendo que os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os aspectos quantitativos. Contudo, nas escolas a avaliação sempre implica julgamento de melhor ou pior. Ao longo da história da educação a avaliação sempre esteve presente e muitas vezes com o intuito de classificar e escalonar os estudantes. Apesar de muitas escolas terem um discurso inovador na avaliação, são raras as exceções que vão além de provas e médias bimestrais. Pensando também nesta contradição, optou-se pelo tema avaliação na educação de jovens e adultos.

Nas escolas, as formas de avaliação não variam muito. Giram em torno de prova, trabalho de pesquisa e exercícios avaliativos feitos na própria sala de aula. Na escola observada, a avaliação na EJA segue essa mesma direção, com a diferença de que a maioria dos professores fazem as provas com consulta no caderno – como uma forma de “ajudar” o aluno. Porém o resultado esperado com esta ajuda que são as boas notas, resultado de uma aprendizagem, não aparece.

Durante as observações foi possível notar que alguns professores da EJA ignoram as trajetórias escolares dos seus alunos, suas diferenças, esquecendo que estão lecionando para faixa etárias diferentes e que suas experiências vividas são diferentes. Esquecem, às vezes, que de forma alguma a aula lecionada durante o dia para o ensino médio regular deve ser copiada para o EJA à noite.

Talvez se os professores conhecessem um pouco de seus alunos, um pouco de sua história de vida, sua trajetória escolar e profissional conseguissem se aproximar de um processo avaliativo que fosse em direção das particularidades desses sujeitos. Assim como afirma Freire (1996) “ensinar exige comprometimento e querer bem ao educando”. É importante que o professor se preocupe com seu aluno, no sentido de querer saber o porquê e para que este está na EJA.

Segundo a proposta Curricular de Santa Catarina (2005, p.70 e 90), é preciso quebrar os estereótipos em torno da nomenclatura adolescentes como “aborrecentes” e

ter um olhar mais atento e respeitoso a sua condição histórico-social. Sendo assim comete-se um sério equívoco ao não respeitar a sua condição sócio-cultural e histórica, ou os ver como uma folha em branca que precisa ser preenchida. A proposta curricular de Santa Catarina enfatiza a preocupação e articulação do saber escolar com a condição sócio-histórica-cultural do aluno.

Tornar possível uma proposta curricular que dê vez à diversidade no processo pedagógico, implica em discussões acerca da própria concepção de currículo que se pretende assumir. (...) As atuais discussões sobre Currículo deixaram para trás a concepção meramente técnica, voltada para as questões relativas a procedimentos, técnicas e métodos. O Currículo assume hoje as características de um artefato social e cultural, o que o coloca na moldura mais ampla de suas determinações sociais, de sua história e de sua produção contextual. (SANTA CATARINA, 1997, p. 8)

É importante pensar nos sujeitos da EJA como aqueles que buscam uma nova oportunidade, que não se encontram mais na faixa etária correspondente ao ensino médio regular e que por algum motivo se afastaram dos estudos. Sendo assim, segundo Fernandes & Viana (2009, p.314) o educador precisa observar os diferentes ritmos, comportamentos, experiências, relações pessoais, familiares, para que suas intervenções pedagógicas garantam como fator essencial o respeito a heterogeneidade. E isso faz com que o aluno se sinta mais à vontade em sala de aula e tenha mais interesse minimizando as chances de evasão.

Segundo Garutti (s/ano, p.72):

Todos os pareceres da Câmara de Educação Básica, sobre as diretrizes curriculares nacionais do ensino de educação de jovens e adultos e da educação profissional de nível técnico, reafirmam a importância, o significado e a contemporaneidade da educação escolar democrática e suas ações em vista da universalidade de acesso e de permanência.

A educação básica de adultos começou a delimitar seu lugar na história da educação no Brasil a partir da década de 30. Ela define sua identidade tomando forma de uma campanha nacional de massa, a Campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947. Pretendia-se, em uma primeira etapa, uma ação extensiva que previa a alfabetização em três meses, e mais a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. Depois, seguiria uma etapa de “ação em profundidade”, voltada à capacitação profissional e ao desenvolvimento comunitário.

Segundo Oliveira, Dias e Mota Neto (s/ano, p.01) Paulo Freire constitui um marco na educação de jovens e adultos brasileira, cuja trajetória foi iniciada nos anos 1960, com os movimentos de Educação Popular. Este movimento contribuiu muito para a Educação de Jovens e Adultos, pois problematizava a situação de analfabetismo no país, ao denunciar a exclusão social de diversos segmentos sociais.

Os mesmos completam:

[...] refere-se ao movimento de Cultura popular dos anos 60 como aquele que buscava reverter a educação e reinventar a escola, no sentido de superar a educação conteudista e silenciadora das vozes dos alunos, o analfabetismo, a exclusão e a evasão escolar.

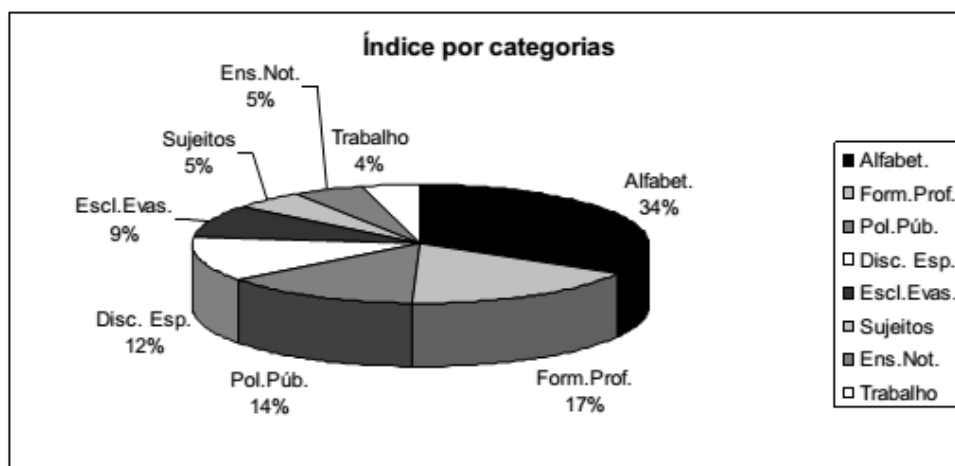
PAULO FREIRE (1989)

Hoje, tem-se bastante referências sobre a EJA, porém não há tantas publicações sobre a avaliação na EJA. Carvalho (2009) assim como Rial (2007) também analisou as teses e dissertações no período de 1987 a 2006 no Banco de teses da CAPES, e verificou que houve um aumento significativo nas produções acadêmicas sobre EJA a partir dos anos 2000, pois foi a partir de 2000 que a EJA teve um espaço maior nas reflexões educacionais, com a promulgação do parecer sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA.

Carvalho (2009, p.120) construiu um quadro referente ao número de publicações sobre EJA entre 1987 a 2006. Dentro deste período, a região Sul publicou 121 dissertações e 13 teses, sendo Santa Catarina responsável por apenas uma tese e vinte e uma dissertações sobre a temática Educação de Jovens e Adultos.

Nessa pesquisa vê-se o baixo número de publicações sobre a temática EJA, totalizando apenas 513 dissertações e 77 teses. Contudo ao analisar os temas recorrentes em cada trabalho Carvalho (2009, p. 124) também construiu um gráfico com as temáticas: alfabetização, formação de professores, políticas públicas, disciplinas específicas, exclusão/evasão/inclusão, sujeitos, ensino noturno e trabalho, educação carcerária e educação à distância.

Gráfico 1 – Distribuição por temas de pesquisa



Fonte: extraído do texto de Carvalho (2009, p.124)

Carvalho não faz menção à temática avaliação. Esse tema não aparece nas publicações.

Rial (2007, p.05) também fez um levantamento dos trabalhos publicados no Banco de Teses da Capes entre 1987 e 2006 e nessa pesquisa ela encontrou 5 dissertações referentes a avaliação na EJA.

Quadro 1- Número de Dissertações e Teses

	Avaliação H.EJA EM		Avaliação H EJA		Avaliação EJA EM		Avaliação EJA	
	D	T	D	T	D	T	D	T
1987 a 1991	-	-	-	-	--	-	-	-
1992 a 1996								
1997 a 2001							2	
2002 a 2006						1	3	
Total						1	5	

Fonte: extraído do texto de Rial (2007, p.05)

Para concluir seu trabalho Rial (2007) também pesquisou trabalhos e pôsteres no GT18 da Anped publicados entre 2000 a 2006, porém não encontrou nenhum trabalho referente a avaliação na EJA.

Como forma de verificar se ainda não há publicações sobre avaliação na EJA, também foi realizado para este TCC, um levantamento na Anped dos temas dos trabalhos e pôsteres apresentados no GT18 (Educação de Jovens e Adultos). O levantamento foi feito a partir da 30ª reunião até a 36ª reunião compreendendo os anos

de 2007 a 2013. Esse período foi escolhido para complementar o período analisado por Rial. Foram localizadas várias produções sobre a EJA, contudo a atenção estava voltada para títulos que constavam a palavra avaliação na EJA. E como já mencionado no trabalho de Rial (2007) não há publicações sobre este tema na Anped. O único trabalho referente à temática avaliação é um pôster na 30ª reunião que é a própria pesquisa de Rial.

Logo se percebe que Rial foi a única pesquisadora a fazer este levantamento e a partir deste em 2007 não foi publicado nenhum artigo ou pôster sobre a temática avaliação na educação de jovens e adultos na Anped. É preocupante a pouca publicação nesta área, um tema tão recorrente na educação, porém sem interesse por parte dos pesquisadores.

Conforme a Constituição Federal, o ensino fundamental deve ser obrigatório e gratuito, inclusive para aqueles que não tiveram acesso na idade apropriada. Essa obrigatoriedade também está presente em nossa LDB; independente de idade, sexo ou raça todos tem direito à educação. E a EJA veio para atender a todos àqueles que por algum motivo abandonaram os estudos e resolveram retornar.

Segundo a Declaração de Hamburgo sobre a EJA, a educação de adultos torna-se mais que um direito consistindo na chave de leitura para o século XXI, sendo tanto consequência do exercício da cidadania quanto, condição para uma plena participação na sociedade. Garutti (s/ano, p.71) completa:

Mesmo estando no século XXI o Brasil ainda se ressentido da mentalidade escrava e hierárquica onde a educação de jovens e adultos acaba sendo delineada como uma compensação. Nossa luta consiste em transformar o EJA em direito, aniquilando o conceito reparação e equidade, uma constante luta na busca de transformar a EJA em um permanente serviço do pleno desenvolvimento do educando no exercício da cidadania.

E por estarem buscando este direito, é dever do professor auxiliá-lo nesta conquista. E para isso, o mesmo deve repensar sua prática pedagógica buscando propostas avaliativas que captem o melhor do aluno e mostre onde o jovem ou adulto tem dificuldade para ser mais bem trabalhado. Além disso, deve absorver e reconstruir os conceitos prévios destes alunos que, às vezes faz muitos anos, não tem contato com a escola.

Para que essa intervenção seja efetiva é preciso que antes o professor conheça o máximo possível do seu aluno. Sendo assim o próximo capítulo traz algumas respostas para as perguntas: Quem é ele? Qual a idade? Onde trabalha? Qual seu objetivo na EJA? Por que abandonou os estudos? Além destes, outros questionamentos podem ser construídos e descobertos ao longo da convivência e que podem auxiliar na relação professor/aluno.

3 - QUEM SÃO ESSES JOVENS E ADULTOS?

Neste título serão respondidas as perguntas citadas anteriormente. Revelando um pouco do perfil destes jovens e adultos observados durante a pesquisa, prevalecendo principalmente um público jovem.

O Brasil tem uma grande quantidade de jovens, e há muitas situações que podem afastá-los do acesso e permanência na escola. Por isso o grande papel da escola é atrair esses alunos para serem sujeitos do seu processo formativo.

Contudo, a EJA não é constituída apenas de jovens, mas também adultos e idosos. Estes últimos em minoria na sala de aula, mas com uma grande parcela de analfabetos no país, 42,6% do total de analfabetos no país são idosos (IBGE-2010). É preciso incentivar esses que muitas vezes não estão mais vinculados ao trabalho (aposentados), mas que podem contribuir muito. Dar oportunidade a esses aos quais foi tirado o direito de ler e escrever. E, além disso, podem contribuir muito com suas experiências de vida. Hoje temos uma EJA em que predomina os adolescentes e jovens. Na escola pesquisada os alunos estão na faixa etária de quinze a vinte e dois anos e somente dois alunos possuem mais de 40 anos. Jovens estes que poderiam estar no ensino regular, mas que não o estão devido ao fato de trabalhar o dia inteiro, ou estar cansado das repetências e cobranças. Como pode ser observado no quadro abaixo houve um rejuvenescimento da educação de jovens e adultos, estando os alunos de 15 a 18 anos em maioria na sala de aula.

Quadro 2 - Idade dos alunos da EJA

Não informaram a idade	De 15 a 18 anos	De 20 a 25 anos	De 26 a 30 anos	Acima de 30 anos
------------------------	-----------------	-----------------	-----------------	------------------

5	10	5	1	1
---	----	---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das autobiografias

Com relação à questão de gênero, homens e mulheres estão em números praticamente iguais, como pode ser observado no seguinte quadro:

Quadro 3 – Gênero dos alunos do nono e primeiro ano da EJA

Turma	Homem	Mulher	Total
9ºano	8	6	14
1º ano	5	5	10

Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados das autobiografias

Esses educandos são filhos /pais / mães; homens /mulheres; empregados / desempregados /patrões. São várias as condições presentes em uma sala de aula. A partir das autobiografias foi possível conhecer um pouco de cada aluno, com reves informações sobre a família, o trabalho, a escola etc. Dos alunos observados 10 são trabalhadores: doméstica, marceneiro, pintor, garçom, encarregado de manutenção, garçonete, manicure, auxiliar de produção, telemarketing. Outros sete saíram recentemente de seu emprego, com o intuito de achar algo melhor; e o restante não menciona trabalho na sua autobiografia.

Segundo a VI CONFINTEA pensar sujeitos da EJA é trabalhar para, com e na diversidade. Por isso a grande importância de conhecer os alunos com que se trabalha, é conhecendo sua história de vida e seu perfil que a ação pedagógica será mais efetiva. Com uma simples atitude pode-se conhecer uma parte muito importante e crucial da vida do aluno e isso pode influenciar a prática docente.

Para conhecer um pouco o aluno existem diversas técnicas, geralmente o primeiro dia de aula tem este objetivo – todos se conhecerem. Pode-se utilizar o tradicional diálogo, na qual se corre o risco de virar um monólogo; ou trazer dinâmicas para que a aula fique mais divertida. Nesta pesquisa optou-se por uma dinâmica, que contempla a atividade que foi solicitada aos alunos na perspectiva de uma primeira aproximação e que será mais bem detalhada no próximo ítem.

3.1 – APROXIMANDO-SE DO ALUNO

Nesta parte será descrita a primeira dinâmica feita com o objetivo de se aproximar dos alunos tendo como base teórica Paulo Freire e sua insistência no diálogo, na capacidade de ouvir o que o outro tem a dizer. Os dados coletados nessa dinâmica foram agrupados e serão apresentados nessa parte.

Segundo Paulo Freire (1999) em seu livro pedagogia da autonomia “ensinar exige saber escutar” e este foi meu objetivo inicial – ouvir o que cada aluno tinha para falar sobre sua vida, sua trajetória escolar, suas angústias e sonho, pois é no diálogo com o aluno, conhecendo-o que o professor pode pensar em uma prática pedagógica eficaz.

Sendo assim, para início da pesquisa foi solicitado que cada aluno levasse para a aula um objeto ou foto que fosse muito significativos para eles. O objetivo era conhecer um pouco de cada aluno e ter uma maior aproximação com eles. Essa dinâmica contou com a participação da pesquisadora e do professor da sala. Além do professor conhecer um pouco de seus alunos, estes conheceram um pouco do professor e viram que ele é gente como eles. Está dinâmica ajuda a construir uma relação professor-aluno e não professor X aluno, e mostrar que muitas vezes as histórias de vida pessoal/profissional/escolar são parecidas: o professor (que também já foi aluno) e o seu aluno.

O professor iniciou a roda de conversa mostrando sua primeira câmera digital, na qual registrou muitos momentos, além disso, contou um pouco de sua infância e da pouca probabilidade de fazer faculdade na pequena cidade em que morava. Depois de o professor contar sua história todos os outros alunos também falaram. Naquele dia apenas nove alunos estavam em sala, algo bem comum na EJA. Destes:

- Dois alunos falaram de sua medalha que era um objeto muito importante, uma de natação e outro de futebol;
- Uma aluna trouxe uma carta de uma melhor amiga de quando eram pequenas e na carta estava escrito: “nunca jogue fora porque eu fiz com muito carinho”. Por isso essa carta é guardada.
- Uma aluna trouxe um diário de quando era pequena informando que suas quatro melhores amigas tinham um igual e escreviam nele;
- Uma aluna trouxe um pequeno urso branco que ganhou do pai ainda criança que guardará sempre, pois é uma lembrança do pai já falecido;

- Os restantes trouxeram fotos de viagens e uma aluna trouxe a foto de sua avó que já faleceu.

Esta dinâmica foi feita em uma aula, bem rápida, pois os alunos eram tímidos e falaram pouco, além de ter faltado alguns alunos. Esta é uma das maiores dificuldades dos professores: o grande número de faltas dos alunos ou chegadas tardias, porém a dinâmica foi excelente para que os alunos perdessem esta timidez comigo; nos dias seguintes durante as outras atividades eles vinham conversar ou questionar algo sobre o que era TCC ou como era estudar no IFSC. Entretanto devido às falas serem curtas e não foi possível obter muitas informações com os questionamentos e conseguir conhecer um pouco mais dos alunos através desta dinâmica, porém serviu para uma maior aproximação.

Talvez a dinâmica tenha sido feita em um momento errado, pois como primeira atividade, era possível prever que nesse primeiro encontro os alunos não iriam expor aspectos de suas vidas, especialmente nesse primeiro contato e nem de frente de toda a sala. Para que um aluno “se abra” é preciso criar vínculos com o professor.

Contudo, se na dinâmica não foi possível ir muito longe no conhecimento dos alunos algumas informações obtidas são importantes elementos que podem auxiliar na prática pedagógica, para articular saberes da escola, com saberes da experiência, da vivência. Percebe-se que eles são bem curiosos para saber da vida dos professores, e nessa curiosidade parecem demonstrar um motivo para irem fazendo os primeiros caminhos para desabafar ou pedir um conselho. O professor se apresenta como uma pessoa próximo com quem pode iniciar o diálogo.

Os sujeitos da EJA possuem idades diferentes, experiências de vida diferentes e estão ali por motivos diferentes. São diversas as razões que levam os alunos retornarem a escola. Ribeiro (2002), cita algumas: o sonho de conquistar melhores salários, a ameaça do desemprego, a necessidade de contribuir mais eficazmente na formação dos filhos, a realização pessoal, entre outras.

Através da primeira dinâmica não foi possível obter estes dados, porém ao longo da segunda dinâmica e autobiografia essas informações foram chegando.

Na escola Araucária, a partir das autobiografias foi possível notar que, os alunos objetivam uma vida melhor com o retorno à escola. Estes querem o diploma de conclusão do ensino médio para arrumar um emprego melhor e quem sabe cursar uma faculdade ou curso técnico. Para melhor visualização daquilo que os alunos haviam

escrito agrupei suas falas em quatro grupos: dados pessoais, porque saiu do ensino regular, qual o objetivo ao retornar os estudos e informações pessoais.

O **primeiro grupo** é bastante amplo, corresponde aos dados pessoais dos alunos. A maioria deles escreveu o nome, a idade, onde moram, em que trabalham, estado civil e se possuem filhos. E com relação à profissão, aqueles que estão trabalhando citaram sua profissão e aqueles que ainda não trabalhavam justificavam que estavam procurando.

Aluno1 (45 anos) “sou casado tenho 2 filhos e trabalho na clínica Imagem Baia Sul e no Hospital Baia Sul de encarregado de manutenção há 8 anos”.

Aluno2 (26 anos) “trabalho como garçom e pintor, tenho 2 filhos,”.

Aluno3 (22 anos): “moro no Bela Vista, trabalho de auxiliar de produção e tenho 2 filhos”

Aluno4 (16anos): “não trabalho apenas estudo”.

Aluno5: “trabalho em uma distribuidora de vidros, sou encarregado de manutenção”.

Aluno 6 (21anos): solteiro, moro com meus pais ”.

Aluno 7(17 anos): “ainda não trabalho mais procuro serviço, Moro com minha mãe e mais 3 irmãos”.

Aluno8 (21 anos): ”solteira, moro em São José com meus pais, tenho uma filha e sou doméstica”.

No **segundo conjunto** estão agrupadas as informações sobre os motivos que levaram estes jovens e adultos a abandonarem os estudos. Apenas seis alunos dos vinte e dois que escreveram a autobiografia falam sobre a sua saída da escola, entretanto relatam com entusiasmo a sua volta:

Aluna 9: “parei de estudar na 6ª série aos 15 anos quando engravidei, quando ele tinha 6 meses voltei a estudar no ensino regular até a metade da 8ª série e daí parei e nem me lembro o motivo”.

Aluna 10: “parei de estudar para ajudar em casa”.

Aluna 11: “graças a deus consegui [voltar a estudar] e agora vou trilhar outro caminho, o caminho do conhecimento”

No **terceiro grupo** os alunos comentaram sobre os seus objetivos ao retornarem para a EJA. Falaram de seus sonhos de retornarem aos estudos e seus desejos de darem o bom exemplo aos filhos. Além disso, estes jovens e adultos não querem apenas seus

diplomas de ensino médio, querem ir além. A maioria deles não estão ali apenas para terminar logo os estudos e sim sonham com uma faculdade de direito, administração, medicina, educação física, etc.

Aluno 12: *“estou estudando porque gostaria de melhorar dentro da empresa e quem sabe até fazer faculdade de Administração ou Direito”*.

Aluno 13: *“e agora que já realizei alguns sonhos como carro, moto e casa própria, decidi dar outro rumo a minha vida através da EJA”*.

Aluno14: *“optei pela EJA porque tenho que correr atrás do tempo perdido, parei de estudar em 2008, e também percebi que sem estudo não se vai muito longe. Tenho 2 filhos e quero ser um exemplo pra eles, dar condições de vida melhor a eles.”*

Aluno 15: *“faço a EJA porque sinceramente quero terminar logo a escola”*.

Aluno 16 (17anos): *“resolvi fazer a EJA porque até a 6ª série sempre foi fácil pra mim, quando cheguei na 7ª série, empaquei, daí resolvi fazer EJA. Espero agüentar até o final”*.

Aluno17: *“eu estudava no ensino normal eu vim pro EJA porque eu comecei a trabalhar de marceneiro, agora eu pretendo terminar os estudos para fazer faculdade de educação física”*.

Aluno 18: *“pretendo terminar meus estudos e fazer faculdade de medicina”*

Aluno 19: *“pretendo me formar em delegada”*

Aluno 20: *“pretendo terminar todo o ensino médio e fazer cursos, ainda não sei para que, mais gosto bastante de enfermagem”*.

No **quarto conjunto** estão algumas informações pessoais de situações que marcaram suas vidas e eles se sentiram bem à vontade em contar, especialmente os sofrimentos ao longo da vida, as separações, as perdas, etc:

Aluna 21: *“comecei a namorar bem cedo com meu marido aos 13 anos e aos 15 anos tive meu primeiro filho.Estava na 6ª série”*.

Aluna 22: *“me separei a dois anos, minha vida passou muito rápido, lembranças ruins do meu passado que nunca vou esquecer”*.

Aluno 23: *“um fato que marcou a minha vida este ano foi deixar de ser evangélico e sair do meu trabalho”*.

Aluna 24: “não tenho namorado porque ainda não achei um ou pelo fato de eu não querer, mais tenho várias amigas coloridas. No futuro vou morar com minha tia nos EUA”.

Aluno 25: “eu sou gay e ser gay não é opção é condição”.

Esses são os sujeitos da pesquisa com seus anseios e sonhos. A escola faz parte de um desses sonhos, mas será que esses sujeitos que voltam à escola cabem nesses espaços? O sistema escolar foi feito para eles? Arroyo (2011, p.223) comenta em seu texto a fala de uma professora: “sempre tivemos adolescentes e jovens no ensino fundamental e médio, mas eram outros”. Sendo assim, reconhecer essa realidade nos situa em um caminho promissor para acertar nas posturas profissionais. Se eles e elas são outros nós teremos que ser outros profissionais.

Alguns anos atrás a EJA era para jovens e adultos que queriam apenas o diploma, hoje temos uma massa de jovens que querem terminar logo os estudos, mas sonham com uma universidade, pois sabem que cada vez mais apenas o ensino médio não é suficiente.

Segundo Arroyo (2011, p.226) se os alunos são outros não é possível incorporá-los nos tradicionais processos pedagógicos, docentes, de ensino-aprendizagem, nos currículos, nas metodologias e nas avaliações. Logo precisamos de outro sistema, outros ordenamentos, outras didáticas e até outra formação profissional.

Sendo assim, os perfis dos alunos da EJA são muito importante, suas histórias de vida devem ser levadas em consideração, pois revelam os motivos pelo afastamento dos estudos entre outros aspectos de sua trajetória pessoal e profissional. O professor precisa conhecer seus alunos e para isso existem diversas formas, como por exemplo, o uso de dinâmicas ou até mesmo pedindo que escrevam suas trajetórias de vida.

Oliveira (1999, p.59) traz algumas características do adulto que procura a EJA:

O adulto que procura a EJA é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar, ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo.

Oliveira (1999, p.59) também traz um perfil de jovem. Segundo ela o jovem não é aquele vestibulando, ou com uma história de escolaridade regular. Ele também é o excluído assim como o adulto.

Segundo Silva & Anna (2010, p.72) é papel do professor, especialmente do professor que atua na EJA, compreender melhor o aluno e sua realidade diária, possibilitando seu crescimento pessoal e profissional.

Não basta atrair os alunos para a escola é preciso garantir que eles não abandonem os estudos. E isso é um grande desafio para o professor, pois a sala é muito heterogênea, mas cabe a ele investigar o objetivo dos alunos retornarem aos estudos para então construir uma prática para atender às diferentes necessidades de aprendizagem e conhecer o seu aluno para entender de que forma se dá o processo de ensino aprendizagem, tema que será trabalhado no tópico a seguir.

3.2 – APROXIMANDO-SE DA FORMA COMO ESSE ALUNO APRENDE.

Este capítulo terá como foco – pensar como os jovens e adultos aprendem e quais seus conhecimentos prévios, pois, a partir disso o professor conseguirá contribuir na aprendizagem do aluno.

É de suma importância o professor conhecer seu aluno, principalmente identificar suas fraquezas, dificuldades, seu conhecimento prévio e suas possibilidades. Esta avaliação inicial do aluno é feita na primeira semana de aula e segue em todos os outros dias do ano letivo.

Segundo Oliveira (1999, p.60) pensar como estes jovens e adultos aprendem é pensar em três campos: a condição de não criança, a condição de excluídos da escola e de membro de determinado grupo cultural. Se o professor conseguir observar estes três campos contribuirá muito no processo de ensino aprendizagem dos alunos. Durante as observações foi possível perceber que os alunos da EJA têm bastante dificuldade de aprendizagem, porém trazem muito conhecimento do seu cotidiano.

Os alunos da EJA tiveram trajetórias escolares diferentes e ao longo da vida estiveram sempre aprendendo e, portanto, detêm saberes que não podem ser ignoradas. Seus saberes podem dialogar, produtivamente, com o currículo da escola. Por isso não é possível repetir modelos e sim superar o tradicional processo pedagógico, pois o que importa da ação pedagógica é saber o que os jovens e adultos sabem e como aprendem.

Na escola observada os alunos mais velhos, sempre queriam participar das aulas, contar suas experiências e darem a sua contribuição. Também eram os que mais

questionavam, ou repetiam o que o professor dizia para terem certeza de que entenderam.

Ramos & Moraes (2010, p.318) ressaltam a importância dos professores possibilitarem não apenas a aprendizagem conceitual, mas também um amplo conjunto de capacidades que, em ação, envolvem habilidades, atitudes e valores. No mesmo sentido, tanto os Parâmetros Curriculares Nacionais quanto as Orientações Curriculares Nacionais, apresentam uma superação do conhecimento enciclopédico em favor do desenvolvimento de condições que possibilitem operar concretamente com os conceitos no mundo dos fenômenos e das relações sociais.

Os professores tentam em suas aulas seguir os PCNs trazendo situações e fazendo relações com o dia a dia e desafios do cotidiano, porém não abrem mão do ensino conteudista. As aulas têm um ou dois exemplos de algo que acontece no cotidiano, porém, por trás disso há muitos conceitos e teorias que poderiam ser omitidas. Pois em um ensino que dura apenas seis meses os conteúdos ministrados devem ser selecionados por relevância e não apenas jogado aleatoriamente. Além disso, fazem provas com questões apenas para os alunos seguirem o exemplo do caderno, com poucas exigências. Não é fazer avaliação para punir ou reprovar, mas o professor precisa criar questões que façam o aluno se questionar, criar hipóteses, raciocinar.

É preciso ter uma articulação entre os conhecimentos escolares e o conhecimento do cotidiano, para que assim os alunos sejam capazes de conhecer a realidade, analisá-la e transformá-la.

E para completar, este ensino precisa seguir com uma avaliação que também trate da realidade do aluno, bem como seja um desafio para o mesmo. Muitos alunos buscam a EJA para terminar os estudos mais rápido, pois o ano letivo dura apenas um semestre. E devido ao pouco tempo disponível o professor ministra os conteúdos de forma rápida para dar conta do programa, muitas vezes esquecendo-se do tempo de aprendizagem de cada aluno, assim como afirma um dos alunos:

Aluno 26: “provas e trabalhos podem prejudicar aqueles que não conseguiram pegar a matéria”.

Aluno 27: “prefiro o ensino regular porque queria ganhar o diploma de verdade”.

Segundo este aluno a EJA é muito fácil e isso faz com que qualquer um ganhe o diploma e ele preferiria ganhar o diploma por mérito dele mesmo. Segundo ele, no

ensino regular é muito rígido e os professores não ajudam como na EJA, logo o aluno tem que estudar bastante.

A educação de Jovens e Adultos objetiva dar oportunidades àqueles que de alguma forma lhes foi negado o direito à educação, ou àqueles que por algum motivo particular abandonaram os estudos. Esta educação dura apenas seis meses. **Processo rápido. Se para uns essa forma de encurtamento da trajetória escolar “facilita” o ensino, com pouca cobrança, para outros a EJA apresenta-se como o caminho ideal para a consecução do diploma, exatamente pelo fato do ensino ser mais fácil.**

Os alunos comentam em suas autobiografias que o ensino na EJA é mais fácil que o ensino regular por que os professores ajudam com trabalhos e exercícios em sala. Encaram o ensino regular como muito rígido e com muita prova e cobranças.

Aluno 28: “no ensino regular eu tinha que estudar muito para conseguir o diploma, diferente da EJA.”

Hoffmann (1933, p.27) apud Ribeiro cita algumas linhas mestras na educação de jovens e adultos:

- oportunizar aos alunos muitos momentos para expressar suas ideias retornar dificuldades referentes aos conteúdos introduzidos;
- realizar muitas tarefas em grupo para que os alunos se auxiliem nas dificuldades, mas garantindo o acompanhamento de cada aluno a partir de tarefas avaliativas individuais em todas as etapas do processo;
- ao invés de simplesmente assinalar certo ou errado nas tarefas dos alunos e atribuir conceitos ou notas a cada tarefa realizada, fazer anotações significativas para o professor e aluno, apontando-lhes possibilidades de aprimoramento.

Não basta atrair os alunos para retornarem aos estudos é preciso fazer algo que garanta a sua permanência. Silva & Anna (2010, p.74) comentam algumas ações docentes que contribuem para a evasão: materiais didáticos inadequados para a faixa etária, conteúdos sem significado e metodologias que não atingem as expectativas dos alunos. Tudo isso pode ser melhorado se o professor conhecer seu aluno.

Na educação de jovens e adultos a atenção deve estar voltada para alguns pontos relevantes como: o fracasso escolar, dificuldade sócio-econômica e o pouco tempo disponível para estudar, pois são estes pontos que devem nortear a prática avaliativa no processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos. O professor deve pôr o aprender acima do certificar.

E, além disso, deve analisar se sua prática avaliativa está atingindo o seu aluno, se está adequada ao objetivo didático. No próximo item será apresentado os princípios da andragogia como um modelo orientador da educação para adultos.

3.2.1 – A ANDRAGOGIA

A educação de jovens e adultos tem seu marco principal nas obras de Paulo Freire. O legado pedagógico de Freire continua atual. Conforme Oliveira [REDACTED]

A educação de Paulo Freire, vinculada aos Movimentos de Educação e Cultura Popular, contribui para a Educação de Jovens e Adultos, ao problematizar a situação de analfabetismo no país, ao denunciar a exclusão social de diversos segmentos sociais e anunciar uma educação crítica engajada politicamente com as classes oprimidas. (Isso eu acrescentei, mas é preciso citar a fonte corretamente e lá nas referências não tem o ano)

Falar em EJA supõe num primeiro momento, no contexto da educação brasileira, trazer Paulo Freire, mas onde fica a Andragogia? Que modelo de educação é esse, quais são seus princípios e limitações?

Para Nogueira (data, página?) a andragogia e a pedagogia constituíam modelos distintos de conceber e perspectivar a educação. Assim, enquanto que a pedagogia era definida como “a arte e a ciência de ensinar às crianças” a andragogia é a arte e ciência de facilitar a aprendizagem dos adultos.

Ao longo da sua obra, Knowles (1980, 1990a, 1990b :Você não deve fazer essa citação dessa forma, pois não leu Knowles, precisa ver qual autor leu e colocar: Knowles (apud...ai coloca o nome do autor e ano de onde tirou essas ideias) salienta que a andragogia se baseia em cinco premissas de base acerca das características dos aprendentes adultos, que os diferenciam das crianças, a saber os adultos:

- a) necessitam de saber o motivo pelo qual devem realizar certas aprendizagens;
- b) aprendem melhor experimentalmente;
- c) concebem a aprendizagem como resolução de problemas;
- d) aprendem melhor quando o tópico possui valor imediato e os motivadores mais potentes para a aprendizagem são internos.

As pessoas adultas aprendem melhor quando experienciam necessidades nesse sentido, em especial, quando estas se relacionam com os problemas que se lhe deparam ou com possíveis melhorias na sua vida. Ou seja, as experiências de vida dos adultos

devem ser incluídas no processo educativo, posição que é também assumida por outros investigadores (MESIROW, 1990, FREIRE, 1970).

Oliveira (1998 : não tem essa data em nenhum Oliveira das referências. Precisa corrigir isso,. Página?) cita 14 princípios que devem nortear o relacionamento com a pessoa madura. Esses princípios fornecem um referencial objetivo para um relacionamento de cunho educacional, em situações de ensino e aprendizagem nessa fase de vida. Abaixo seguem alguns princípios:

Princípio 1: O adulto é dotado de consciência crítica e consciência ingênua. Sua postura pró-ativa ou reativa tem direta relação com seu tipo de consciência predominante.

Princípio 2: Compartilhar experiências é fundamental para o adulto, tanto para reforçar suas crenças, como para influenciar as atitudes dos outros.

Princípio 3: A relação educacional de adulto é baseada na interação entre facilitador e aprendiz, onde ambos aprendem entre si, num clima de liberdade e pró-ação.

Princípio 8: O processo de aprendizagem do adulto se desenvolve na seguinte ordem: sensibilização (motivação); pesquisa (estudo); discussão (esclarecimento); experimentação (prática); conclusão (convergência) e compartilhamento (sedimentação).

Princípio 13: O professor tradicional prejudica o desenvolvimento do adulto, pois o coloca num plano inferior de dependência, reforçando, com isso, seu indesejável comportamento reativo próprio da fase infantil.

Pelas investigações sobre o tema, percebe-se a necessidade de que os mediadores de processos de aprendizagem, junto a uma clientela adulta, possam encontrar estratégias de ensino que vão ao encontro ao princípio da atividade - mediante o qual o seu papel é o de dinamizador de situações nas quais o sujeito ativo, construtivo e participativo é o próprio aprendiz - e do princípio da autodiretividade – oportunizando ao adulto ser o real diretor e articulador de seus próprios compromissos e decisões. Cabe ao dinamizador de processos andragógicos estar atento, também, ao princípio do aproveitamento de interesses e criar espaços de aprendizagens que mobilizem as vivências, as experiências e, sobretudo, as demandas específicas da população aprendiz.

As análises da educação de adultos numa perspectiva andragógica apresentam-se como avançadas, entretanto é preciso uma leitura atenta dessa perspectiva. (Eu acrescentei)

Embora entremeados de expressões que poderiam, numa leitura mais ligeira, ser caracterizadas como avançadas e democráticas, um aprofundamento revela seus aspectos funcionais. Inicialmente, observa-se: (citar o autor que disse isso, para não parecer plágio)

- A limitação quanto à compreensão do que seja aprendizagem desses autores expressas nas chamadas etapas que esta deve seguir (sensibilização, pesquisa, discussão, experimentação, conclusão, compartilhamento). A aprendizagem não pode ser vista como algo seqüencial, e rigidamente estabelecida.
- Em que contexto, com quais objetivos essa valorização da cultura do aluno é aqui realizada: no sentido de uma auto valorização do aluno que contribua para o seu reencontro como sujeito auto transformador e transformador da realidade, ou apenas para extrair dele mais um atributo.
- O reforço a comunicação, por si só, porém, não garante a qualquer processo educacional a marca do avanço e da democracia.
- Nada diz quanto ao acesso limitado ao saber científico, à valorização de sua cultura, ao reforço a ser dado a eles, em seu processo formativo, como sujeitos históricos, dotados de direitos e de vontades.

Entretanto é importante conhecer novos modelos de educação e adaptá-los conforme a necessidade do público com que se está trabalhando. A Andragogia nos acena, portanto, com a necessidade de revisão dos procedimentos e das propostas atuais de treinamento e desenvolvimento, quer em instituições acadêmicas, quer em organizações do trabalho, conclamando professores e gestores do conhecimento a mergulharem em um velho-novo paradigma de educação, onde o centro do processo seja, definitivamente, o sujeito e as suas circunstâncias.

Sendo, o sujeito o centro da educação, precisa-se pensar em propostas avaliativas que atendam a este sujeito, que compreendam como ele aprende, que considere suas experiências, enfim que o respeite como sujeito em aprendizagem. Na próxima parte será discutida a concepção de avaliação segundo os aluno.

4 - A AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DA EJA

A avaliação é uma palavra que faz parte do nosso dia a dia, seja de maneira espontânea, seja de modo formal. Está incorporada no cotidiano de professores,

estudantes e escolas, de tal forma que é geralmente considerada um patrimônio das instituições educativas. Segundo Mansutti (s/ano, p.144) a avaliação é o aspecto do trabalho docente que menos tem motivado o professor e talvez mais o aborreça, enquanto para os alunos é a atividade mais temida e menos gratificante.

Há mais de 2 mil anos a China já fazia exames de seleção para os serviços públicos e a velha Grécia praticava a docimasia, que consistia numa verificação das aptidões morais daqueles que se candidatavam a funções públicas. Mas só no começo do século XX que a avaliação começou, gradualmente, a se desenvolver como prática aplicada á educação.

O papel essencial da avaliação, segundo Tyler apud Sobrinho (2003) **(Não aparece nas referências, então vc pode ter tirado essa informação de algum texto que leu. Favor ir às fontes e citar)**, é averiguar até que ponto os objetivos educacionais traçados estão sendo alcançados pelo currículo e pelas práticas pedagógicas.

A avaliação realizada nas escolas brasileiras está centrada no desempenho quantitativo dos alunos, geralmente por meio de aplicação de provas, que constam de perguntas dissertativas ou de múltipla escolha. E os alunos estão tão acostumados com esta forma de avaliação que perguntam se tal atividade “vale nota”. Ou ainda o professor anuncia “amanhã é dia de prova” como se a avaliação se restringisse apenas a um dia. Ou ainda “se não se comportarem terá prova na próxima aula”, revelando uma relação de poder do professor, na qual, a prova é a punição. Por essas razões é necessário superar a cultura da nota, buscando valorizar mais o processo de aprender.

Os alunos da EJA são avaliados através de provas, trabalhos e exercícios avaliativos sendo na maioria com a possibilidade de consultar o caderno, pois segundo os professores desta forma ajudam os alunos que não tem tempo de estudar. Os alunos ao serem questionados sobre avaliação logo pensam em prova sem consulta, e isso remete alguns sentimentos como nervosismo, ansiedade e desgosto por ela.

Aluno 29: “Quando o professor fala que vai fazer prova tal dia fico apavorada”.

Aluno 30: “Quando o professor fala que vai ter prova já penso ‘aff’ não gosto de prova”.

Aluno 31: “Prova te deixa nervosa e muitas vezes isso te prejudica”.

Porém deixam bem claro que preferem serem avaliados por trabalhos e provas com consulta ou em dupla, segundo eles este é o cenário da EJA e isso torna o ensino mais fácil.

Aluno 32: “o bom da EJA é que os professores facilitam bastante dando avaliação em dupla, com consulta, trabalhos...”

Aluno 33: “gosto do método de ensino da EJA, mais prefiro trabalho”.

Aluno34: “sobre a avaliação acho melhor trabalho, porque é melhor fazer com alguém pra ajudar a pensar e até fazer novas amizades”.

Aluno 35: “eu prefiro quando os professores fazem trabalho a prova”.

Aluno 36: “não gosto de provas, prefiro trabalhos”.

Aluno 37: “eu não gosto de avaliação, pois para mim é como que tivesse que gravar tudo na cabeça”.

Logo é perceptível que aqueles sentimentos de nervosismo e ansiedade são frutos do ensino regular baseado na classificação do aluno. Segundo a maioria, o ensino regular é muito difícil e muito rígido.

Aluno 38: “eu aprendo mais na EJA do que no ensino regular”.

Aluno 39: “avaliação no ensino fundamental era mais complicadas e no ensino médio na EJA é mais fácil porque a maioria dos professores ajudam os alunos dando a opção de pesquisa no caderno”.

Aluno 40: “no ensino regular as provas são muito rígidas e difíceis; já na EJA aprendi a gostar das provas porque os professores ajudam bastante”.

Aluno 41: “eu não gostava do modo que eu era avaliado porque eles não faziam prova com consulta”.

Rial (2007) afirma que os jovens e adultos ressentem terem sido avaliados de forma autoritária. Alguns professores atribuem valores para o aprendizado dos alunos naquele dia de prova e não avalia o processo pelo qual o aluno passou. Como se a avaliação se restringisse apenas ao dia da prova. Sendo assim, o professor não pode apenas fazer uma avaliação no final do capítulo do livro e sim uma avaliação processual.

As falas dos alunos mencionadas anteriormente vieram na escrita da autobiografias,o que vem a seguir é resultado das representações da avaliações, feitas pelos alunos através do desenhos.

4.1- A AVALIAÇÃO NA REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS

Ao trabalhar com as representações dos alunos sobre a avaliação é preciso ter claro que significam essas representações e qual o significado delas no conjunto das relações sociais. Elas não podem ser vistas isoladas desse conjunto de relações.

Para Minayo (2008, p.89)

Representações Sociais é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento. Nas Ciências Sociais são definidas como categorias do pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a.

Essa parte da pesquisa contempla os dados da última atividade feita com os alunos. Esses dados foram analisados e categorizados, trabalhando com a representação dos alunos em relação ao sentimento deles quando ouvem a palavra AVALIAÇÃO, .

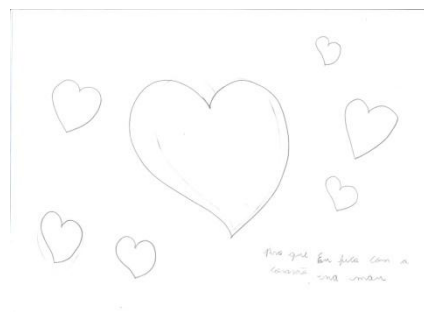
No momento das autobiografias, ao falar sobre avaliação, todos disseram “eu prefiro fazer trabalho a prova”. Essa prova que eles citam é referente à prova sem consulta, pois provas com consultas no caderno não tem problema, segundo eles. Nesse momento pediu-se a eles que reproduzissem este sentimento em desenhos.

Os desenhos foram divididos em categorias: nervosismo, prova tradicional, autoavaliação e cola.

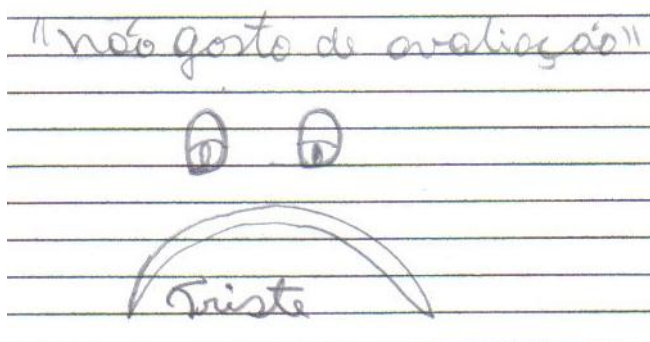
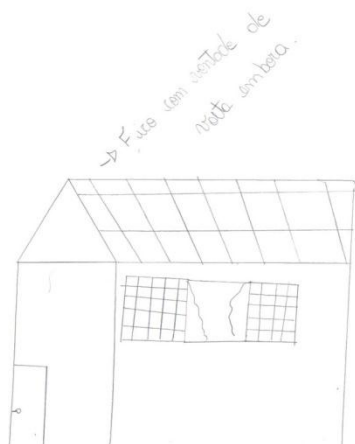
Na **primeira categoria** estão os desenhos que representam o nervosismo do aluno ao ter que fazer uma prova sem consulta:



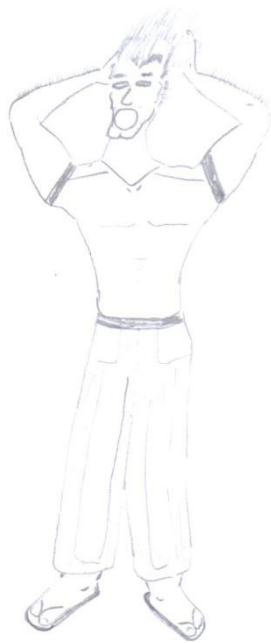
“Fico com o coração na mão”



Esta aluna estava muito indecisa na hora de desenhar, disse que esta atividade era muito difícil. Ela afirma: “quando eu sei que é dia de prova tenho vontade de voltar pra minha casa”, e assim saiu o desenho.

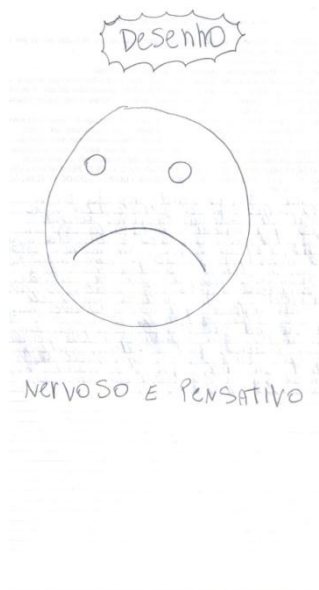


Entre em desespero Total



Desenho: Nervosa quando o prof.
entrega a prova.





Na **segunda categoria** estão os desenhos que relacionam a palavra avaliação com prova. Os desenhos reproduzem as provas tradicionais aplicadas pelos professores:



Eu fico nervoso e acabo tirando nota baixo.

Desenho ??



Obs. meu desenho representa...

Quando eu penso em uma avaliação eu vejo uma prova por escrita, e eu me vejo apavorada porque a palavra AVALIAÇÃO me deixa muito nervosa.

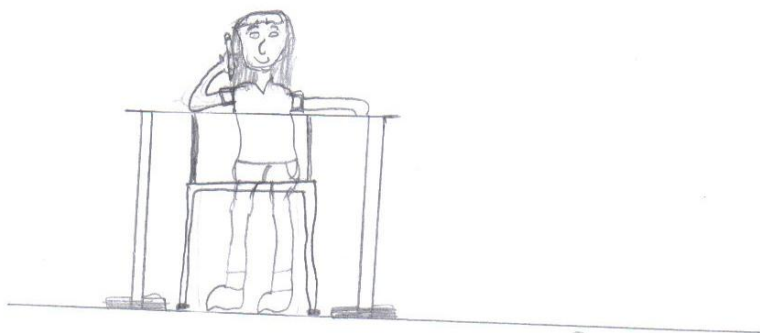


Vejo uma forma de o professor avaliar o grau de aprendizagem que o aluno está adquirindo no passar do tempo

Na **terceira categoria** foram agrupados os desenhos em que os alunos questionam o seu desempenho e se todo o seu esforço valeu a pena. Observa-se nestes desenhos a preocupação com as notas. Segundo Boas (2012, p.195) através da avaliação formativa é possível evitar a obsessão pela competição e o medo do fracasso, com isso é possível instalar a cultura de sucesso, baseado na crença de que todos podem aprender.



Eu me preocupo quando faço uma avaliação valendo nota, pois fico com a ansiedade de saber qual vai ser minha nota. Se estudei e memorizei.



Eu fico um pouco nervoso com as
anotações e preocupado com a nota.

Desenhei isso: Por causa da preocupação com
o resultado da Avaliação: qual será minha
nota, será que meu esforço vale a pena?

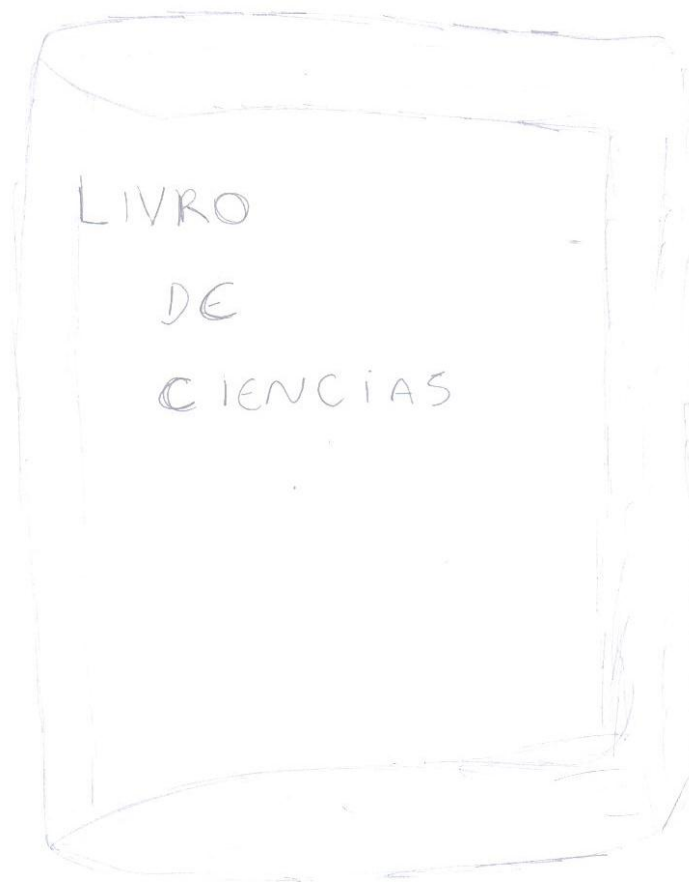


Alguns ficam preocupados pelo fato de não ter este tempo para estudar, devido ao fato de trabalhar o dia todo.



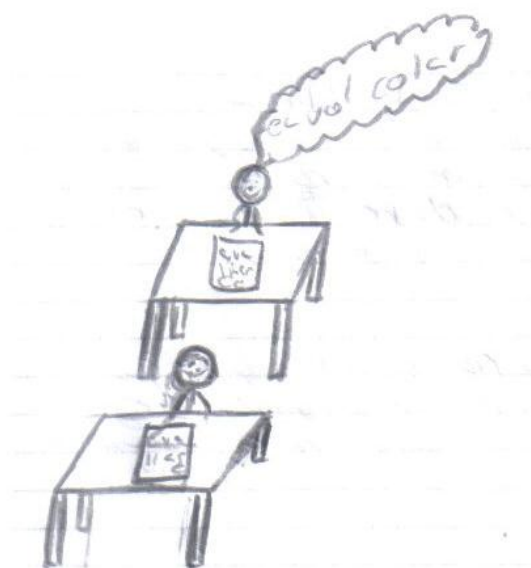
Eu fiz esse desenho porque trabalho o dia inteiro fico cansado e não tenho tempo para estudar para as provas aí fico meio que Baiando ;)





Quando o professor fala que tem avaliação eu penso em "Estudar"

E como **última categoria** estão os desenhos daqueles que associam a avaliação à cola, para aqueles que não estudam ou tem dificuldade utilizam-se da cola para conseguir resolver a prova.





PQ PREFIRO COLAR DO QUE ESTUDAR!!!

O professor precisa encontrar uma forma de conhecer de que modo cada aluno se apropria do conhecimento e para isso precisa utilizar uma avaliação processual, contínua e formativa. Isto se aplica a todos os professores, mas principalmente aqueles que lecionam na EJA, na qual convivem com as diferentes personalidades, ritmos, experiências e faixas etárias. Segundo Baltor & Figueiredo (s/ano, p.01) os professores, por não perceberem a heterogeneidade que estes apresentam, acabam quebrando a concepção de que a educação de jovens e adultos volta-se para a inclusão das camadas populares.

Os alunos da EJA não podem ser tratados como alunos do ensino médio regular, é preciso ter um olhar diferenciado, práticas docentes diferenciadas e conseqüentemente novas formas de avaliá-los. A cultura da nota deve ser repensada e o professor deve atuar como mediador das aprendizagens dos alunos acompanhando passo a passo suas manifestações e produções, tanto individualmente como em grupo. Nesse sentido, avalia-se muito mais para identificar-se potencialidades do que para detectar falhas e erros.

Segundo Ramos & Moraes (2010, p.319) enquanto não houver uma mudança epistemológica significativa, uma transformação no entendimento de aprender que sustente um processo de ensino, não haverá transformações e melhorias nos processos de avaliação. Para que uma avaliação se qualifique é necessário superar o

entendimento de que avaliar é medir o acúmulo de informação pelos alunos. Vávio (s/ano, p.140) afirma que os fatores de ordem pessoal e social podem ser decisivos na seleção do que e como ensinar, e conseqüentemente de como avaliar.

Segundo Ramos & Moraes (2010, p.323) quando alguma situação de aprendizagem se mostra problemática, as dificuldades podem tanto estar no aluno quanto no professor ou em sua atuação docente. A fala de Ramos e Moraes aponta que nessa relação professor- aluno há sempre a procura de um culpado pelo fracasso, por isso é necessário avançar na discussão e sair desse lugar comum tomando a avaliação como síntese de múltiplas determinações.

Avaliar é uma ação complexa, mas necessária, para qualificar o ensino e a aprendizagem. Por essa razão, é importante para o trabalho dos professores a busca de alternativas que contribuam para realizar ações avaliativas significativas. A seguir apresenta-se alternativas para avaliação na EJA, mas pensar nisso não é uma tarefa fácil, principalmente pensar uma avaliação que atenda a um público tão heterogêneo.

5 - ALTERNATIVAS DE AVALIAÇÕES PARA A EJA

Nesta parte destina-se à reflexão de algumas propostas avaliativas que podem ser aplicadas na EJA. Essas ações propositivas aparecem inclusive na fala de alguns alunos pesquisados.

A avaliação segundo muitos professores tem como objetivo obter informações se o aluno aprendeu ou não e ele é o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso. Porém a avaliação engloba vários sujeitos e foca no ensino e na aprendizagem. Logo a avaliação serve para diagnosticar as dificuldades do aluno e ajudar o professor avaliar sua metodologia. Segundo Mansutti (s/ ano), a avaliação não mede resultados e sim analisa o processo e identifica os obstáculos a aprendizagem.

Antes mesmo de pensar a avaliação o professor precisa conhecer seu alunos, precisa tomar conhecimento do que eles já sabem e construir sua prática pedagógica com base nos saberes de seu aluno. O professor precisa entender que os sujeitos da EJA já possuem uma série de conhecimentos e crenças que devem ser relacionados com o que aprendem na escola, pois eles têm muito a contribuir.

Segundo Vávio (s/ ano, p.141) o professor precisa saber dialogar, ouvir e observar, ou seja, ele propõe uma postura investigativa do educador. Este precisa iniciar sua prática com uma avaliação diagnóstica, na qual toma conhecimento do que os alunos já sabem e da realidade de cada um deles; e assim pode construir seu plano de intervenção pedagógica.

Nas observações é notória a heterogeneidade das salas: há adolescentes, jovens e adultos. Todos têm muito a contribuir, cada um a sua maneira e com suas experiências. Nas observações feitas os adultos sempre queriam contar suas experiências, por isso a importância de dar voz a estes alunos, que no passado foram tirados o direito ao estudo no ensino regular. E mais importante ainda é valorizar esta volta á escola e fazer com que este retorno e permanência sejam não apenas para receber um diploma, mas sim para construir novos valores e saberes. Além disso, deve proporcionar a estas pessoas o resgate de seus direitos, através da leitura de mundo e de saberes tecnológicos que as conduzirão ao exercício da sua cidadania e de uma profissão. Conforme Gevaerd & Oliveira, (2010) pelo Parecer 11/00-CNE/CEB , a “avaliação na EJA deve proporcionar a reflexão do aluno, as questões devem ser desafiadoras e que façam os alunos raciocinarem, e não apenas a memorização de conceitos químicos”.

Gevaerd & Oliveira (2010) fizeram um resumo do que deveria ser o EJA quando cita a que se propôs o IFSC ao pensar no Proeja:

Ofertar uma Educação para Jovens e Adultos, baseada na construção do conhecimento, que aponte para a resolução de problemas, para a autoaprendizagem, que insista na reflexão permanente sobre a prática de forma interdisciplinar e contextualizada. Oferecer a esses jovens e adultos uma oportunidade de articular as experiências da vida com os saberes escolares.

Pensando nisso é importante que cada professor ao planejar sua aula reflita sobre a importância de cada conteúdo ministrado para estes jovens e adultos.

Não basta o professor fazer uma avaliação diagnóstica, ou seja, conhecer o aluno e identificar seu conhecimento prévio e na terceira semana de aula aplicar uma prova que não estimule o pensar do aluno, nem tão pouco valorize este conhecimento prévio. Além disso, o simples fato de deixar que o aluno consulte o seu caderno e copie exatamente igual ao exemplo do caderno também não é uma forma de ajudar. A não ser é claro, que seja para consultar um texto, ou analisar um caso; neste caso se for uma consulta dirigida com material que propicie a reflexão do aluno naquele momento será de muita ajuda.

Após uma avaliação diagnóstica é preciso acompanhar todas as produções dos alunos criticamente. Não para detectar falhas, mas identificar potencialidades; não apenas individualmente, mas também nos trabalhos em grupo. Lamas (2005) apud Ramos & Moraes (2010, p.321) lembra:

A avaliação tem o propósito de informar os acertos, estimular a comunicação, facilitar a formação, potencializar a participação, promover a autoestima, oferecer recomendações, garantir as mesmas possibilidades a todos e contribuir para a aprendizagem docente. Por outro lado, destaca que a avaliação não tem o propósito de originar queixas e protestos, gerar conflitos entre pessoas, favorecer o desânimo, ser um fim em si mesma, fomentar a competitividade, promover abandonos, repudiar o erro, selecionar, punir, excluir.

Ramos & Moraes (2010, p.320) complementam afirmando que a avaliação como medição do conhecimento apenas gera a cultura do individualismo e da competição; enquanto que a avaliação como compreensão promove a cultura da autocrítica e do debate. Cultivando a segunda opção o professor forma alunos críticos e valoriza os potenciais dos alunos, superando aula a aula suas dificuldades.

Para a avaliação da EJA é possível utilizar muitos recursos para avaliar como: exames orais, relatório referente a experimentos feitos, resenha sobre filmes, relatórios de visitas técnicas, roda de discussão, produções textuais, organização de pôsteres e sua apresentação e até mesmo a tão tradicional prova. Um dos alunos da EJA também cita algumas formas de avaliação:

Aluno 42: “eu prefiro um debate sobre a matéria ou um resumo, porque para resumir tenho que ler com atenção”.

De Sordi (2009, p. 178) afirma que a diversificação didática auxilia os alunos a evidenciar de múltiplas maneiras o que aprenderam e completa dizendo que o professor precisa utilizar sua criatividade para isso. Em uma das autobiografias uma aluna pede esta diversificação:

Aluna 43: “tem que focar em outras coisas também não só em prova, fazer coisas diferentes, tentar divertir um pouco as aulas”.

De Sordi (2009, p.179-180) traz uma lista de recursos que podem ser usados para avaliar um aluno: criar situações problemas que estimulem a mobilização dos saberes trabalhados; conceber tarefas que requeiram do estudante o uso de habilidades cognitivas de alta complexidade para formular respostas; incentivar a produção de mini pesquisas; estimular experiências de auto-avaliação; usar simulações de situação real para a análise e a emissão de parecer; desenvolver dispositivos de avaliação na forma de projetos que articulem várias disciplinas diferentes.

A mesma autora utiliza os verbos estimular, incentivar, desenvolver, analisar;. Segundo ela é preciso substituir os verbos conceituar, descrever e enumerar por analisar, interpretar e criticar. É preciso fazer com que o aluno interprete a questão e saiba responder de forma clara e coerente.

São vários os recursos para avaliar uma turma e a utilização de cada um deles dependerá da intenção do avaliador e deverá estar coerente com o público alvo. A utilização do recurso prova, não é de todo mal, ela precisa informar ao professor de que forma o aluno se apropriou do conhecimento transmitido por ele. A prova avalia tanto o trabalho do professor quanto do aluno. Por isso precisa estar estruturada de forma que faça o aluno refletir sobre o conteúdo e o professor sobre sua prática.

Não basta apenas o professor entregar a prova com a nota baixa e não fazer nenhum comentário sobre o desempenho do aluno. Assim como afirma Sadler (1998) apud Boas (2012,p.183):

Mesmo que o professor ofereça ao aluno observações válidas e/ou notas sobre o seu desempenho, o progresso nem sempre ocorre, porque ele necessita mais do que notas. Precisa conhecer os níveis de desempenho, objetivos ou evidências de aprendizagem que o professor espera dele para que possa comparar o que já aprendeu com o que ainda lhe falta aprender e engajar-se no processo apropriado. O feedback do professor aponta-lhe o que fazer para avançar.

Segundo o mesmo há relatos de resultados positivos de pesquisas com alunos de baixo rendimento e com dificuldades que ao receberem feedback constantes, conseguiram melhoraria considerável. Estas são características da avaliação formativa que promove o desenvolvimento não só do aluno, mas também do professor e da escola.

A avaliação formativa objetiva superar a avaliação unilateral, classificatória e punitiva, comprometendo-se com a aprendizagem e o sucesso de todos os alunos. Boas (2012, p.190) traz algumas questões que devem ser pensadas ao planejar uma avaliação:

[...] Para que avaliar o grupo de alunos com quem vou trabalhar? As finalidades estão aliadas às características dos alunos. Quem são eles? Qual sua procedência? Qual sua faixa etária? Por que está nesta escola? Que experiências de aprendizagem possuem? Que expectativas apresentam? As respostas a essas e a outras indagações dão início à avaliação diagnóstica, imprescindível para o andamento adequado das atividades.

E continua Boas (2012, p.210) concluindo o pensamento:

Como implementar tais idéias? Em primeiro lugar, o “que fazer” e o “como fazer” devem brotar das escolas e não dos gabinetes do MEC e das secretarias de educação. Em segundo lugar, os recursos para a educação devem dirigir-se diretamente às escolas públicas, não devendo ser alocados em projetos elaborados por pessoas externas a elas. Em terceiro lugar, deve ser dada atenção especial à formação continuada dos profissionais da educação, para que se atinjam os dois primeiros itens. Essas são condições básicas para que a escola seja capaz de construir a proposta pedagógica que atenda às necessidades de formação do cidadão e do futuro trabalhador que possa ter inserção social crítica.

As contribuições dessas pesquisas abrem muitas perspectivas para a prática avaliativa na escola, e relacionadas com as representações dos alunos sobre a forma como percebem a avaliação, coloca em pauta a urgente necessidade de dar outro rumo a à forma como as avaliações vem acontecendo no cotidiano do trabalho pedagógico.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema avaliação na EJA pouco ou quase nada tem aparecido entre as publicações acadêmicas. Na escola observada os professores utilizam de recursos avaliativos como: provas com e sem consulta, trabalhos individuais e em grupo, exercícios avaliativos em sala e a participação do aluno. Estas são práticas não muito diferentes das escolas de ensino regular que temos hoje.

O professor precisa conhecer a história de vida do seu aluno, sua trajetória escolar, o motivo por ter abandonado o ensino regular e retornar na EJA para então construir sua prática pedagógica e avaliativa, pois na EJA o professor se depara com alunos de quinze, dezesseis, vinte e seis, trinta e cinco, quarenta e oito, ou sessenta anos. Cada um com suas experiências e expectativas ao ingressar na EJA.

Ao iniciar na EJA o professor precisa, nos primeiros dias de aula, fazer uma avaliação diagnóstica para conhecer um pouco de cada um. E então após esta conversa inicial fazer seu planejamento.

Segundo estes jovens e adultos eles não gostam de serem avaliados com provas sem consulta, pois para isso precisam estudar muito e eles não têm este tempo disponível. Entretanto preferem as provas com consulta ou em dupla ou trabalhos, pois assim eles ficam calmos e tem a ajuda dos colegas.

Nessa direção os trabalhos ocupam o lugar da avaliação tradicional e são mais aceitos pelos alunos, mas com o agravante de exigir do aluno que trabalha, a necessidade de fazer trabalhos em casa.

Com relação aos desenhos, alguns alunos mostram sentimentos como nervosismo, ansiedade e angústia, na hora de fazer uma prova sem consulta. Todavia estes sentimentos vêm do passado (ensino regular), pois a maioria afirma que na EJA é mais fácil, pois os professores ajudam. Sendo assim os desenhos também permitem perceber que a avaliação não é o “bicho-papão” dos tempos passados.

Enquanto a maioria dos alunos gostam do fato da EJA ser mais fácil, uma única aluna reivindica seu direito de ter um ensino de qualidade ao afirmar que preferia fazer o ensino regular para poder ter um diploma de verdade.

Apesar da “ajuda” dada pelos professores nos momentos da avaliação, as notas são baixas. E isso é revelado em alguns desenhos na qual os alunos revelam a culpa por tirar nota baixa na prova. Segundo eles isto é resultado de não ter estudado, alguns por não ter tempo, outros por não terem entendido a matéria.

É importante pensar quem são estes jovens e adultos que estão frequentando a EJA, conhecer seus sonhos, anseios e expectativas para então serem avaliados de uma forma que sobressaia a qualidade de cada um, defendendo assim a não homogeneização das diferenças.

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M.G. **Currículo, Território em Disputa**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BALTOR, C.S & FIGUEIREDO, C.A. **O papel da avaliação da educação de Jovens e Adultos**. **Completar referência**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e diversidade. **Documento Nacional Preparatório à VI Conferência Internacional de Educação de Adultos (VI CONFITEA)**/Ministério da Educação (MEC). Brasília: MEC; Goiânia:FUNAPE/UFG, 2009.

BOAS, B.M.F.V. **Avaliação formativa**: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. In VEIGA, I.P.A & FONSECA, M.(orgs) *As dimensões do projeto político pedagógico: novos desafios para a escola*. 9ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

CARVALHO, R.V. **O estado da arte das pesquisas em educação de jovens e adultos na CAPES – período de 1987-2006**. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, GT18.

FERNANDES, T. L.G. & VIANA, T.V. **Alunos com necessidades educacionais especiais (NEEs)**: avaliar para o desenvolvimento pleno de suas capacidades. *Estudos em Avaliação educacional*, São Paulo, v.20, n.43, maio/ago. 2009. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1495/1495.pdf>. Acesso em nov.2013

FRANCO, M.L.P.P. **Análise do conteúdo**. Brasília, Plano: 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GARUTTI, S. **Discutindo as diretrizes curriculares**. Disponível em: http://www.utp.br/cadernos_de_pesquisa/pdfs/cad_pesq9/4_discutindo_diretrizes_cp9.pdf . Acesso em nov.2013

GEVAERD, E.A.O & OLIVEIRA, S.D. **Proeja – O Aluno**. Florianópolis: Publicação do IFSC, 2010.

MANSUTTI, M.A.& VAVIO, C.L. **Avaliação das aprendizagens e formação dos professores – educação de jovens e adultos**. SEF-MEC . s/d

MINAYO, M. Cecíli de Souza. O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.) *10. Ed.Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ.. Vozes, 2008. **(acrescentei pois usei num parágrafo)**

OLIVEIRA, Ari Batista de. **Andragogia - a educação de adultos.** Disponível em <http://www.geocities.com/sjuvella/Andragogia.html>
 Ver essa citação aqui. Não localizei esse texto. Procurar direito a fonte

OLIVEIRA, I.A.; DIAS, A.S.; MOTA NETO, J.C. **Pesquisas em educação de Jovens e Adultos no Brasil: a presença de Paulo Freire.**
 Colocar ano, de onde tirou? Disponível em ...

OLIVEIRA, M.K. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** São Paulo, 1999.

RAMOS, M.G.; MORAES, R.A **Avaliação em Química: contribuição aos processos de mediação da aprendizagem e de melhoria do ensino.** In: SANTOS,W.L.; MALDANER, O.A.(orgs.). **Ensino de Química em Foco.** Ijuí: Unijuí, 2010, p. 313 – 330.

NOGUEIRA, S.M. **A andragogia: que tributos para a prática educativa?** Colocar ano, de onde tirou? Disponível em ...
 Toda vez que coloca disponível tem que ter o Acesso em (Normas ABNT)

RIAL, A.C.P. **Avaliação da aprendizagem na educação de jovens e adultos – EJA: exame preliminar de produção acadêmica sobre a temática.** In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 30.GT18. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/index.htm> Acesso em nov. 2013

RIBEIRO, M.F. **Avaliação na Educação de Jovens e Adultos: uma visão transformadora.** Rio de Janeiro, 2002.

SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Estudos temáticos.** Florianópolis: IOESC, 2005.

SILVA, L.R.P.P; ANNA. **Diversidade etária na EJA.** In: BENVENUTI, J.; et al. (org). **Refletindo sobre Proeja: Produções de São Vicente do Sul.** Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010, p.67-82.

SORDI, M.R.L. Alternativas propositivas no campo da avaliação: Porque não?. In: CASTANHO, S. & CASTANHO, M.E. (orgs). **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** São Paulo: Papirus, 2001.

VÁVIO,C.L. Diagnosticar o que sabem os jovens e adultos: ponto de partida para a aprendizagem.
 Completar referência

8 - ANEXO 1 – Orientações para escrita da autobiografia

A Autobiografia, no dicionário, aparece definida como “vida de um indivíduo escrita por ele mesmo”. Nessa autobiografia o autor pode:

- 1- Relatar fatos que marcaram sua história de vida.
- 2- Destacar as partes mais relevantes da sua história de vida pessoal e profissional.
- 3- Sentir-se livre para escrever um capítulo da sua própria vida: suas impressões sobre sua história, sua aprendizagem, os acertos, as vitórias, os avanços mas também as falhas, os momentos difíceis, as paradas, as dúvidas. É uma espécie de "diário" no qual você poderá escrever e contar o que estiver sentindo, refletindo, vivenciando, os gostos e desgostos ao longo do caminho.
- 4- O texto não precisa ser muito longo, mas deverá conter elementos que digam quem é você, onde nasceu, afinal suas experiências pessoais, profissionais, acadêmicas e formativas que julgar interessante contar.
- 5- Se você quiser, poderá utilizar além da linguagem escrita, imagens, fotografias, documentos, desenhos.
- 6- A autobiografia pode ser uma reflexão interessante para estimular o pensar sobre os fatos que marcaram sua vida, o que eles fizeram com você, como você lidou com essas experiências, o que fez com elas, etc.

NESSE SENTIDO GOSTARIA QUE VOCÊ BUSCASSE DESTACAR SUAS EXPERIÊNCIAS COM A AVALIAÇÃO NA SUA VIDA DE ESTUDANTE. O QUE LEMBRA DO PASSADO DE AVALIAÇÃO E COMO ELA ACONTECE HOJE.